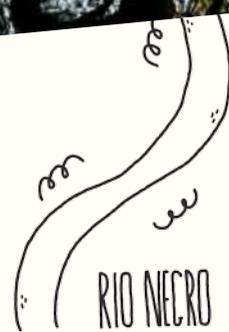
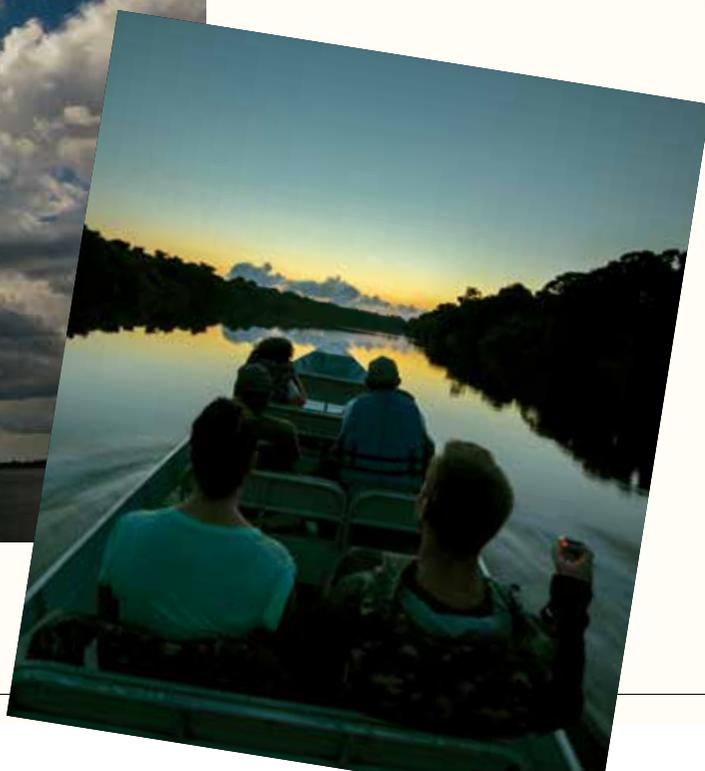
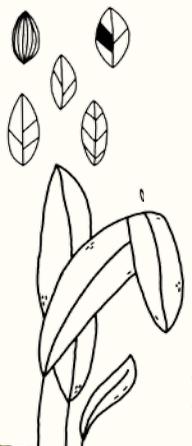


NÃO VOU VOLTAR  
PORQUE QUERO  
MORAR AQUI



# SELVA FAMÍLIA

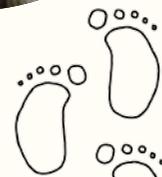
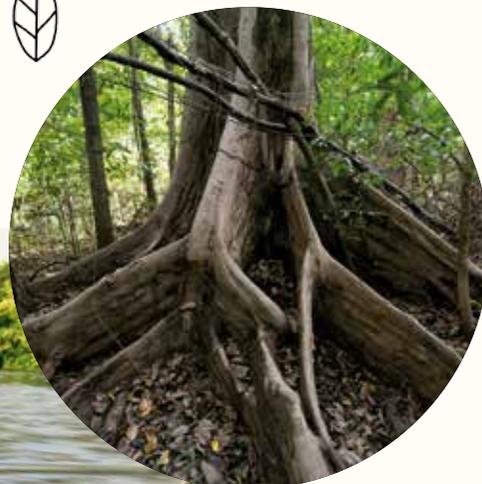
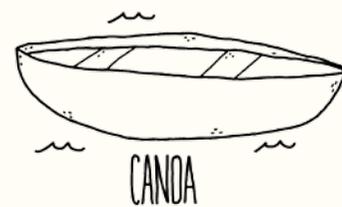
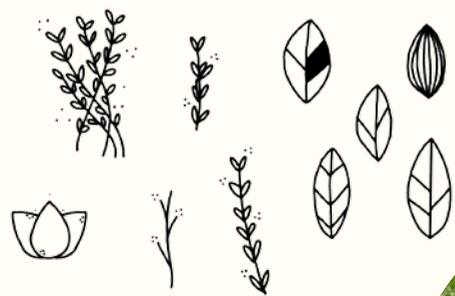


Décio e o filho Nicolas, 7 anos, numa selfie durante o passeio de lancha; vista aérea de parte do arquipélago de Anavilhanas; e cenas da viagem pelo Amazonas

FOTOS GUTO COSTA FILHO/DIVULGAÇÃO

*Mergulho no rio Negro, pescaria de piranha, trekking até grutas na floresta, passeio de canoa em ilhas inundadas, visita aos botos-cor-de-rosa e diversão com arco e flecha na mata. No arquipélago de Anavilhanas, a 180 quilômetros de Manaus, nosso repórter conta como é passar quase uma semana com o filho de 7 anos num dos hotéis mais bacanas da Amazônia*

POR DÉCIO GALINA (TEXTO E FOTOS) ILUSTRAÇÕES RENATA MIWA



“PAI, POR QUE QUASE TODO MUNDO ESTÁ FALANDO INGLÊS SE ESTAMOS NO BRASIL?” COMO EXPLICAR QUE MUITOS BRASILEIROS VIAJAM PARA DIVERSOS PAÍSES E MAL COGITAM PÔR OS PÉS NA AMAZÔNIA?

Cercado de verde por todos os lados, Nicolas, 7 anos, se adapta aos primeiros momentos na Amazônia. Acaba de chegar ao Anavilhanas Jungle Lodge, um dos melhores hotéis de selva do país, após uma viagem de van, de 180 quilômetros, de Manaus até as cercanias de Novo Airão (AM). Ele mais observa do que questiona. A sensação de estar longe de qualquer coisa que não seja um rio gigante com botos-cor-de-rosa à espreita libera uma certa adrenalina.

Depois de ouvir as condutas do hotel (como não andar fora das trilhas à noite, sem bota, pois pode levar uma mordida de cobra), ele percebe que tem um tempo livre até o primeiro passeio do dia. Aí, não tem dúvida: se atira na piscina como se não houvesse amanhã. Faz uma farra, joga água para todo lado, refresca uma família de cinco alemães já mais rosas que os botos. Nada até a beirada oposta e põe os cotovelos nas bordas. Se acalma. Parece duvidar um pouco do que vê à frente. Difícil engolir essa história de que o rio Negro tem 22 quilômetros de largura, a distância entre as estações Palmeiras-Barra Funda e Corinthians-Itaquera, nas extremidades do metrô leste-oeste de São Paulo. Dá para ver a margem oposta, lá longe, uma faixa verde espremida entre o azul-claro do céu e o azul-escuro do rio. Mas, acredite, aquilo ainda não é a margem oposta – é só um pedaço de uma das 400 ilhas do arquipélago fluvial do Parque Nacional de Anavilhanas, que se esparramam por 130 quilômetros de extensão. Está vendo? É complicado imaginar essa dimensão mesmo para quem é craque no joguinho Minecraft. Nos períodos de seca (de setembro a fevereiro), as ilhas aparecem e formam praias lindas. No meio do ano, na cheia (de março a agosto), o legal são as ilhas

submersas – é possível passear de canoa entre troncos grossos, cipós e pássaros, como se remássemos próximos às copas.

### Brasil, brasileiro

De volta à área social do hotel, Nico segue introspectivo, de olho nas conversas em volta do bilhar, nas mesas com livros regionais. De repente, pergunta: “Pai, por que quase todo mundo está falando inglês se estamos no Brasil?”. E aí? Como explicar para o menino que muitos brasileiros viajam para diversos países e mal cogitam um dia pôr os pés na Amazônia, mas, ao mesmo

tempo, estrangeiros atravessam o globo e se emocionam com as experiências vividas na maior floresta do planeta? A conversa é longa, se estende pelo almoço, e é entrecortada por papos com crianças de outras mesas. A novidade não é só a língua, mas também o que se lê nas plaquinhas dos pratos servidos, uma diversão para quem está se alfabetizando: mapará (peixe amazônico) com molho de taperebá (pequena fruta amazônica, amarela e cheirosa) e purê de jerimum. Nico se alimentou muito bem nos seis dias de floresta amazônica – e você que tem filho sabe: se a criança

está comendo bem e dormindo bem, o resto é detalhe.

Logo no primeiro dia da temporada, além do impacto do tamanho do rio visto da beira da piscina, a imersão na cultura e no ecossistema local acontece em duas atividades bem emblemáticas da região: a visita ao Flutuante dos Botos (leia box na pág. 113) e a focagem noturna, quando os turistas saem em pequenas lanchas, por cerca de 1 hora e meia, e ficam na expectativa do que a lanterna do guia vai iluminar no breu da mata. Quando aparece o segundo bicho-preguiça bem agarrado a um



FOTOS DIVULGAÇÃO

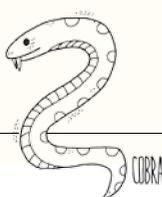


### VOOS PARA MANAUS (MAO) — GOL

ORIGEM	SAÍDA	CHEGADA
São Paulo (GRU)	10h10	13h14
Brasília (BSB)	09h56	12h00
Santarém (STM)	10h23	10h28
Porto Velho (PVH)	18h10	19h35
Fortaleza (FOR)	23h10	01h36

Acesse [www.voegol.com.br](http://www.voegol.com.br) para mais opções de voos ou consulte seu agente de viagens. Voos sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os horários levam em conta o fuso horário de cada cidade.

Nesta pág., do alto para baixo: árvore com raízes tabulares, típicas da Amazônia; Nico compenetrado em sua leitura na viagem de barco; e a piscina do hotel. Na pág. ao lado, vista aérea do hotel às margens do rio Negro; e alguns dos pratos servidos ali



## ROTA ANAVILHANAS

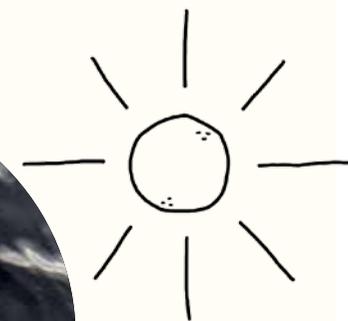
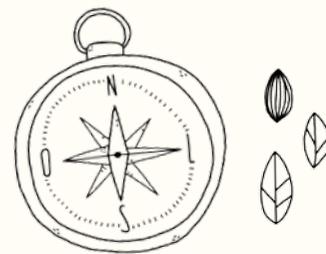


galho, Nico acha uma graça e sugere que levemos para casa como bicho de estimação. “Melhor que o Furby, pai!”

Não é só a molecada que fica admirada já no primeiro dia de visita ao Anavilhanas Jungle Lodge. Seis meses depois de o hotel ser inaugurado, em março de 2007, Larry Rohter, então correspondente do *The New York Times* no Brasil, foi escalado para uma reportagem sobre hotéis de selva nos arredores de Manaus e se encantou com o lugar. “Ele visitou alguns locais, mas dedicou metade da reportagem ao nosso hotel”, recorda o paulistano Augusto Costa Filho, 34 anos, o Guto. Outro salto do Anavilhanas aconteceu em 2011, quando entrou na lista dos 19 hotéis do país mais “autênticos e únicos”, publicada pela revista *National Geographic Traveler*.

Hoje, Guto e a mulher, Fabiana Caricati, são responsáveis por 22 quartos, dois deles inaugurados em julho, os bangalôs panorâmicos: 50 metros quadrados, mais 20 de varanda, com paredes de vidro, de frente para o mato. Os outros quatro bangalôs e os 16 chalés têm o mesmo conceito: construídos em madeira e com pelo menos uma parede de vidro – tudo para potencializar a sensação de dormir no meio da floresta (só os bangalôs têm TV, mas ela não faz falta alguma no chalé). À noite, com o barulho de cigarras e sapos, e pela manhã, quando os pássaros decidem pôr o bico no mundo, a imersão na selva fica ainda mais evidente.

A imersão, no sentido literal, acontece na melhor das atividades do lugar: nadar no rio. Boiando sobre troncos de açacu, o flutuante do hotel serve de cais para as embarcações e trampolim para quem quiser mergulhar. Nadar no rio Negro é dessas experiências maravilhosas. Do lado do filho, então, vira uma emoção só: o moleque de braçada, com a selva ao fun-



## COR-DE-ROSA

*A acriana Marilda Medeiros Ivo dos Botos, 44 anos, conta sobre Curumim, Josefá, Pimentinha e mais 13 botos que batem cartão em Novo Airão*

“Há 18 anos trabalho com os botos. Antes era um restaurante. O que sobrava de comida a gente jogava no rio. Os botos acostumaram. Aí, as agências começaram a trazer turistas. A gente tinha vergonha de cobrar. Os botos eram da família, como cachorro e galinha. Então, passamos a vender peixe para os visitantes jogarem no rio. O pessoal entrava na água, nadava, encostava nos bichos, tudo errado. Agora, de uns cinco anos para cá, está tudo legalizado – pode entrar na água, mas sem nadar, é o boto que vem. Posso receber 20 visitantes por hora. Tem uma palestra de 15 minutos, alimentamos os botos por outros 15 minutos com os turistas bem perto, pode encostar na parte debaixo deles – em cima, de jeito nenhum. Depois, eles descansam meia hora. Os botos vivem de 40 a 45 anos, têm 200 quilos, o macho chega a medir 2,5 metros; a fêmea, 2. A gestação dura dez meses e elas amamentam por um ano. Hoje, temos 16 botos que frequentam o flutuante. Conhecemos eles pelo nome: o Curumim é o mais velho; o Josefá é grande, carinhoso e gosta de beijar; o Pimentinha é um filhote bem danado...”

**FLUTUANTE DOS BOTOS** AV. ANTENOR CARLOS FREDERICO, BEIRA-RIO. TEL.: (92) 99139-9345, DAS 9H ÀS 17H. INGRESSO: R\$ 15.

do. Com o passar dos dias, Nico investe mais tempo nadando no rio do que na piscina. “A água é mais quentinha, pai.”

### *Nico, o curumim*

Em terra, também se diverte (não só ele, claro...) com o passeio até uma área para a prática do arco e flecha em alvos posicionados na floresta. Repelente, protetor solar e boné são desejáveis para todas as atividades. A boa notícia é que o PH ácido do rio inibe a proliferação de mosquitos, mas a vacinação contra febre amarela é recomendável. Quem nos leva é o guia Francisco Helieverton, 39 anos, o Helinho. Carpinteiro naval, ele foi chamado para a construção do hotel e acabou mudando de ramo: largou o trabalho com a madeira para ingressar no turismo. Trabalhou como carpinteiro para levantar o hotel, passou a barqueiro e agora é guia. Helinho não se limita a explicar a origem da flecha (o talo do capim-flecha); da corda do arco (fibra de bromélia); das penas da flecha

*Em sentido horário, a partir da foto à esq.: Nicólas em êxtase no flutuante do rio Negro; praticando arco e flecha na mata com a ajuda do guia Helinho; focagem noturna; um dos botos do flutuante dos botos; e a floresta refletida no rio no período da cheia*

FOTOS DIVULGAÇÃO



NADAR NO RIO NEGRO É DESSAS EXPERIÊNCIAS MARAVILHOSAS. DO LADO DO FILHO, ENTÃO, VIRA UMA EMOÇÃO SÓ: O MOLEQUE DE BRAÇADA, COM A SELVA AO FUNDO



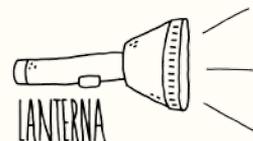


“DAQUI A POUCO, VAMOS PERDER DE 7. E OS BRASILEIROS SABEM O QUE É ISSO...”, CUTUCA A PORTUGUESA SEM DESVIAR A ATENÇÃO DA PRÓPRIA LINHA



(da arara-vermelha) e do arco (paud'arco); ele narra com detalhes o massacre dos índios uaimiri-atroari, na década de 1970, durante a construção da BR-174 (Manaus – Boa Vista).

O aprendizado dos costumes locais prossegue na pesca da piranha. Estamos pescando com um casal de portugueses e o filho Nuno. Nico não pega nada, fica impaciente logo e desiste. O guia já pegou 6, a portuguesa 1, Nuno 1 e eu 1. Pronto. Deixa perfeita para a piada que vamos ouvir para o resto de nossas vidas: “Daqui a pouco, vamos perder de 7. E os brasileiros sabem o que é isso...”, cutuca a portuguesa sem desviar a atenção da própria linha. Nessa hora, insisto com o Nico que devemos tentar mais um pouco, precisamos virar esse placar, vamos lá, pesque uma piranha, filho, não é algo que se faz todo dia. Ele se convence. Ajudo com a isca, atiramos a linha, o anzol some na água e... zapt! A piranha ataca rapidamente, mas é fígada e trazida a bordo por um Nicolás



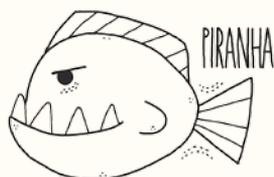
feliz da vida, peito estufado, encarando a piranha como se fosse um porco do Angry Birds. Sugiro que encerremos a pescaria nesse momento de glória – assim, evitamos qualquer constrangimento caso o guia faça o sétimo gol.

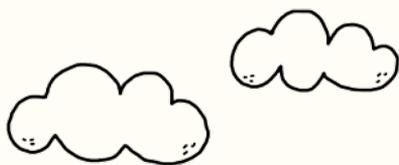
Com a rotina de passeios, Nico ganha confiança para fazer algo inédito: um trekking de 3 horas na mata até as grutas do Madadá. A perna acontece após 50 quilômetros de lancha. O guia ensina bastante sobre fauna e flora. Improvisa uma fogueira na trilha e frita larvas em um graveto. As crianças comem como se fosse pipoca. Nico completa a aventura visivelmente extenuado, impactado com tanta novidade, tanta natureza.

O mesmo encantamento acontece nos dois passeios, digamos, mais



Acima, Nico na trilha para as grutas do Madadá; e, ao lado, admirado com a piranha





clássicos no período da cheia: o tour de reconhecimento pelo arquipélago de Anavilhanas e a canoagem pelos igapós e igarapés. No primeiro, a lancha acelera entre ilhas, lagos e canais, um labirinto fantástico de troncos submersos, travessia por paredes verdes aparentemente intransponíveis. No segundo, a canoa cabocla de madeira para duas pessoas desliza pela superfície lisa de canais enfeitados de cipó, som de pássaros, de sapos e do remo furando e saindo da água.

### Cada macaco no seu galho

A maior interação com a população ribeirinha acontece na visita à comunidade de Sobrado, a 25 minutos de barco a motor. Cerca de 300 pessoas vivem da venda de farinha, banana, abacaxi e mandioca. “Não existe miséria. Só passa fome se for preguiçoso”, garante o guia Raimundo Nonato Nascimento, 38 anos. Somos recebidos pela moradora Irlanda Brito, 31 anos e três filhos. “Acordamos às 5 e, à noite, dormimos às 9.



Planto mandioca, lavo roupa, passo pano na casa. À tarde, depois das 4, a gente gosta de jogar vôlei na areia.” Nico brinca com diversas crianças no gramado e se impressiona com uma moça que anda com um macaco pendurado na perna. Sem cerimônia, arranca a roupa e se atira no rio, sobe pelo barranco de lama, se atira de novo e assim por diante, infinitas vezes, como se fosse um vinil na vitrola. A psicanalista paulista Renata Falcão Ficarra, 47, está no grupo que visita Sobrado. Ela viaja com as filhas Isabela, 10, e Marina, 17. “A Amazônia é a porta de



**NO TABLET**  
Veja vídeo do mergulho de Nico no rio

### Onde ficar

**ANAVILHANAS JUNGLE LODGE**  
Igarapé do Monteiro, rio Negro, Novo Airão. Tel.: (92) 3622-8996. [anavilhanaslodge.com](http://anavilhanaslodge.com). Pacote de 3 dias, em chalé, a partir de R\$ 2.100 por pessoa. Uma criança até 5 anos não paga. Passeios, refeições e traslados incluídos. Tarifa válida até dezembro, exceto feriados.



entrada para um mundo diferente. Aqui, a natureza faz o homem se sentir pequeno. Os nossos filhos precisam conhecer como o Brasil é rico.” Ao ouvir que é hora de secar o corpo e pegar a roupa para ir embora, Nico não dá muita bola e responde com naturalidade: “Não vou voltar porque quero morar aqui”. Pelo jeito, o menino se adaptou muito bem à floresta.

*Nico encantado com o macaco na perna da moça na comunidade de Sobrado. Acima, um dos chalés do Jungle Lodge*

### Como chegar

Desde 2011, é possível ir por estrada graças à Ponte do Rio Negro, que liga a zona oeste de Manaus à rodovia AM-070. São cerca de 3 horas de viagem. Dá também para ir de hidroavião, o que permite um visual incrível do arquipélago de Anavilhanas. R\$ 2.800 (só ida, 35 minutos) aeronave para até quatro pessoas.

### Alugue um carro



**LOCALIZA** Aeroporto Internacional Eduardo Gomes. Av. Santos Dumont, 1.350, Tarumã, Manaus. Tel.: (92) 3652-1176. [www.localiza.com](http://www.localiza.com).

